

Política



APAGOU NA SEQUÊNCIA

Perfil de Lula compartilha crítica ao MEC

Mensagem era endereçada ao ministro da Educação e recomendava de programa



'BORRACHA NO PASSADO'

Alvo da PF, Bolsonaro evita ataques ao STF, nega golpe e prega anistia para 8/1 durante ato em SP

HYNDARA FREITAS, BIANCA GOMES e GUILHERME CARTAGNO
Jornalistas do O GLOBO

Em ato que reuniu apoiadores ontem, em São Paulo, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) evitou atacar o Supremo Tribunal Federal (STF) em seu discurso, pediu anistia aos condenados pelos ataques antidemocráticos do 8 de janeiro e disse que quer passar uma "borracha no passado". Alvo da Polícia Federal por suspeita de tentativa de golpe de Estado, o ex-mandatário buscou minimizar uma minuta de teor golpista encontrada em sua sala, na sede do PL, em Brasília, e disse que "golpe é tanque na rua". O evento na Avenida Paulista, que recebeu caravanas de apoiadores de diversos estados, teve a presença de quatro governadores e de parlamentares aliados.

Sem citar diretamente o Supremo, o discurso de ontem foi menos belicoso que as manifestações anteriores de Bolsonaro em São Paulo. No 7 de Setembro de 2021, o então chefe do Executivo chamou o ministro Alexandre de Moraes de "canalha" e, no ano seguinte, usou o momento como ato de campanha, com ataques à esquerda. Ontem, ele repetiu parte dessa retórica citando "comunismo", "ideologia de gênero" e "liberação das drogas", além de pedir apoio a nomes da direita nas próximas eleições em que estará inelegível.

— Tem gente que sabe o que eu falei, mas o que eu busco é a pacificação, e passar uma borracha no passado, é buscar uma maneira de nós vivermos em paz, e não continuarmos sobressaltados. E, por parte do Parlamento brasileiro, uma anistia para aqueles pobres coitados que estão presos em Brasília. Nós não queremos mais que seus filhos sejam órfãos de pais vivos — afirmou Bolsonaro, antes de negar a intenção de dar um golpe e reclamar de perseguição. — "Bolsonaro queria dar um golpe". Isso sempre ouvi desde que assumi. O que é golpe? É tanque na rua, farda, é conspiração, é trazer classes empresariais para seu lado; nada disso foi feito no Brasil. Nada disso eu fiz, e continuo me acusando de golpe.



Mensagem. Jair Bolsonaro ao lado da mulher, Michelle, e de apoiadores na Paulista: bandeira de Israel foi empunhada pelo ex-presidente uma semana após fim de Lula

O ato convocado pelo próprio ex-presidente surgiu após a PF implicá-lo junto com a cúpula de seu governo em uma suposta tentativa de golpe. Entre as provas já divulgadas, além da minuta com argumentos para a decretação de estado de sítio, está um vídeo de uma reunião ministerial na qual Bolsonaro instigou seus ministros a lançarem ataques contra o sistema eleitoral. As imagens foram citadas pela PF como indícios de suposta "dinâmica golpista" dentro do governo, no âmbito de um inquérito que tramita no STF.

BANDEIRA DE ISRAEL

A manifestação começou, oficialmente, às 14h, mas desde o início da manhã a Paulista já registrou movimentação intensa, com a presença de apoiadores vestindo camisas

verde e amarelo. Muitos deles chegaram em caravanas vindas de diferentes estados, como Pernambuco, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Parte dos ônibus estacionou ao lado do Comando Militar do Sudeste, onde ocorreram os atos pedindo intervenção militar pré-8 de Janeiro de 2023, o que não ocorreu ontem.

O GLOBO embarcou em um desses ônibus em um desses dias em que participantes pediram aos presentes para fotografar quem estivesse com cartazes difamando "o Exército, o Supremo ou o Lula". No último dia 12, o ex-presidente gravou vídeo convocando os seguidores a irem às ruas num "ato pacífico", em defesa do "Estado democrático de direito" e sem cartazes "contra quem quer que seja".

Bolsonaro chegou à Aveni-



Verde e amarelo

Movimentação de Bolsonaroistas na Paulista: participantes demonstraram preocupação com cartazes que pudessem agredir autoridades

Ato reúne 185 mil, calcula grupo de pesquisa da USP

> O ato de ontem teve a presença de 185 mil pessoas, segundo cálculo do grupo de pesquisa "Monitor do debate político" da Escola de Artes, Ciências e Humanidades

(EACH) da USP, coordenado por Pablo Ortellado e Márcio Moretto.

> Para chegar ao número, o grupo produziu 43 fotos aéreas entre 15h e 17h,

contabilizando o público com auxílio de software. Do total, 11 fotografias foram selecionadas de forma a cobrir toda a extensão da manifestação na Paulista, sem sobreposição.

> As 17h, a contagem chegou a cerca de 45 mil pessoas presentes. A estimativa de 185 mil é do pico da manifestação, às 15h, no momento em que Bolsonaro chegou à Aveni-

da Paulista. Embora o ato tenha começado à tarde, desde o início da manhã a avenida, um dos cartões-postais da capital paulista, já registrava movimentação intensa.

Tarcísio, Zema e mais dois governadores comparecem; Castro falta

Quatro governadores estiveram ontem ao lado de Jair Bolsonaro no trio elétrico em manifestação na Paulista: Tarcísio de Freitas (República), de São Paulo, único dos chefes de Executivo a discursar; Jorginho Mello (PL), de Santa Catarina; Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais; e Ronaldo Caiado (União), de Goiás; além da vice-governadora do Distrito Federal, Celi-

neide Leite (PP). Por outro lado, dois filhos do ex-presidente e

correligionários do Rio não participaram do ato. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) foi o único filho com carreira política presente. O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) afirmou que, devido a um atraso em seu voo de volta dos Estados Unidos ao Brasil, não conseguira chegar. Já o não comparecimento do vereador Carlos Bolsonaro (sem partido-RJ), segundo aliados, foi "proibido por questões judiciais". Ele foi alvo de opera-

ção da PF por participação em esquema de monitoramento ilegal de informações pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin).

Proibido de entrar em contato com Bolsonaro por medidas judiciais, o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, passou pela Paulista duas horas antes do ex-presidente. Correligionários, o governador do Rio, Cláudio Castro, estava em Portugal, e o senador Romário assistiu à final do



No ato, Tarcísio de Freitas é saudado por Bolsonaro durante o discurso

da Paulista às 14h40 e subiu ao trio elétrico por volta das 15h. Ao lado de sua mulher, Michelle Bolsonaro, estendeu uma bandeira de Israel e cantou o Hino Nacional. As cores do país que vive conflito com palestinos na Faixa de Gaza foram empunhadas em grande número pelo público, além de haver citações em discursos, uma semana após presidente Lula comparar a ação de Israel ao Holocausto.

RELIGIÃO E CRÍTICAS

A ex-primeira-dama, considerada um ativo político do PL diante da inelegibilidade do marido, foi a primeira a falar ao público. Em tom religioso — que também esteve presente em falas fervorosas, como na do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) —, Michelle citou "ataques e injustiça" e chamou os presentes de "um povo de bem, que defende valores e princípios cristãos". O governador Tarcísio de Freitas (República), que abrigou Bolsonaro no Palácio Bandeirantes no fim de semana, relembrou feitos do governo passado, de quem foi ministro de Infraestrutura.

O governador chamou Bolsonaro de "amigo" e exaltou a "liberdade de expressão e de manifestação". — Meu amigo Bolsonaro, você não é mais um CPE, não é mais uma pessoa, você representa um movimento — disse.

Único a citar o atual presidente, o STF e Moraes, o pastor Silas Malafaia —que pagou o aluguel do trio elétrico— fez o discurso mais duro. Na fala que precedeu a de Bolsonaro, criticou a posição do governo em relação aos conflitos no Oriente Médio e disse que há uma "engenharia do mal" para prender o ex-presidente. O tema prisão foi abordado outras vezes pelo pastor, que acusou Moraes de "ter lado". Nas redes, políticos da esquerda reagiram com críticas ao evento.

Os organizadores tiveram dois carros de som. Somente em um deles, contudo, políticos e apoiadores se dividiram para falar. Houve um forte esquema de segurança, com mais de dois mil agentes da Polícia Militar na Paulista e arredores. (Colaboraram Mariana Rosário, Rafael Garcia, Luis Felipe Azevedo, Julia Nôia e Felipe Gelani).

Mundial de Beach Soccer, em Dubai. Fora dos holofotes, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), acompanhou o ato do trio de Bolsonaro, em quem colocou sua imagem para tentar a reeleição.

Entre os parlamentares, estiveram Nikolas Ferreira (MG) e Gustavo Gayer (GO), que também discursaram. Participaram ainda os senadores Carlos Portinho (RJ), Marcos Pontes (SP), Marcos do Val (ES) e Magno Malta (ES). Cassado pela Lei da Ficha Limpa, o ex-deputado Deltan Dallagnol também compareceu.